


Os olhos de Guadiana: Movimento, pensamento e escrita

The eyes of Guadiana: Movement, thought, and writing

Oliveira, Ana Coimbra¹ | Roubaud, Luísa² | Santos, Lara³ | Dovigo, Maria⁴ | Scarth, Susan⁵

 ⁽¹⁾<https://orcid.org/0000-0001-9866-1293> | ⁽²⁾<https://orcid.org/0000-0003-2623-3059> | ⁽³⁾<https://orcid.org/0009-0003-9411-3080> | ⁽⁴⁾<https://orcid.org/0009-0009-2582-0113>

^(1,2,3) Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa, Portugal | ⁽⁴⁾ Universidade da Corunha, Espanha |

⁽⁵⁾ Movement Psychotherapy, Reino Unido

⁽¹⁾ ana.coimbra.oliveira@gmail.com | ⁽²⁾ lroubaud@fmh.ulisboa.pt | ⁽³⁾ lara.santos@edu.ulisboa.pt |

⁽⁴⁾ maria_dovigo@yahoo.com | ⁽⁵⁾ susan@movementpsychotherapy.org

Resumo

Como dar continuidade e como partilhar, através da escrita, uma experiência e um pensamento decorrentes da dança movimento terapia? Que escrita corporificada (*embodied*) é movimento em si? O que é uma escrita corporificada? O que seria uma escrita sem corpo? Na língua espanhola diz-se “ser como o Guadiana” para descrever algo que ocorre espaçada e irregularmente, ou quando alguém ou algo desaparece de repente e volta a aparecer sem aviso. Algo que desaparece, tal como o corpo parece que desaparece, do dia-a-dia, das palavras, do pensamento, da consciência, do diálogo, e volta a aparecer, por vezes de repente, em caso de doença, mas também no amor e no prazer, nos gestos de cuidado ou carinho, na dança. Este texto emerge de um trabalho de colaboração e coautoria que se pretende relevar. A sua intenção é dar espaço e voz diferenciados e nítidos aos diversos papéis e participações que edificam uma investigação em dança, em que pensar sobre e a partir do movimento do corpo se constitui como prática reflexiva de pesquisa, expressão, integração e comunicação. Manifestá-los, enfim, numa escrita propiciadora de futura reflexão científica.

Palavras-chave

Dança Movimento Terapia, Corpo, Pensamento, Escrita

Abstract

How can we continue and share, through writing, an experience and thought resulting from dance-movement therapy? What kind of embodied writing is movement in itself? What is embodied writing? What would writing be without a body? In Spanish, "being like Guadiana" describes something that occurs in a spaced and irregular manner, or when someone or something suddenly disappears and reappears without warning. Something that disappears, just as the body seems to disappear - from everyday life, words, thought, consciousness, dialogue – and reappears, sometimes suddenly, in case of illness, but also in love and pleasure, in gestures of care or affection, in dance. This text arises from a collaborative and co-authored work that we want to highlight. Our aim is to give a differentiated and clear space and voice to the different roles and contributions that build an investigation into dance, where thinking about and through body movement constitutes both reflective and scientific practices of research, expression, integration, and communication.

Keywords

Dance Movement Therapy, Body, Thinking, Writing

O discurso não existe para proveito próprio, mas procura, em todas as suas utilizações, transpor para a linguagem uma experiência, um modo de habitar e de ser no-no-mundo, que a precede e exige ser dita. (Ricoeur, 1997 as cited in Ramos do Ó, 2019, p. 12)

01. Apresentação

Este texto emerge de um trabalho de colaboração e coautoria que se pretende relevar. A sua intenção é dar espaço e voz diferenciados e nítidos aos diversos papéis e participações que edificam uma investigação em dança em que pensar sobre e a partir do movimento do corpo se constitui como prática reflexiva de pesquisa, expressão, integração e comunicação. Manifestá-los, enfim, numa escrita propiciadora de futura reflexão científica.

Propomos uma outra forma de apresentar as nossas cogitações preliminares, perceções ainda do plano imediato, cuja riqueza consideramos derivar do facto de serem elaborações livres, radicadas na espontaneidade - sobre os resultados de uma metodologia de trabalho que visa tornar o movimento do corpo a pedra-de-toque do diálogo, do pensamento e da escrita. Procuramos, então, abrir este caminho a partir dos movimentos corporais,

compreendendo-os como via principal para a relação com o mundo, as palavras e os conceitos (Merleau-Ponty, 2012).

A investigação em curso desenvolve-se no âmbito de um doutoramento em Motricidade Humana - Dança da Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa, com doentes oncológicos, em consultas de psico-oncologia e em grupos de dança movimento terapia¹. Em suma, integra-se a Dança Movimento Terapia (DMT) no apoio psicológico e psicoterapêutico ao doente oncológico para criar um espaço de encontro e pesquisa através da dança.

Aqui, a dança é entendida enquanto expressão do movimento individual e interpessoal, espontâneo ou guiado, processos que são comuns tanto à dança quanto à DMT. Trata-se de uma dança que assenta e potencia a presença no momento, a elaboração de emoções, a expressividade, a relação interpessoal, a comunicação, a criatividade e o simbólico. Podemos dizer, em síntese, que a dança veicula e sustém uma certa qualidade de encontro e elaboração em grupo. No presente caso, o grupo é composto pela dança-movimento terapeuta, uma estagiária de psicologia clínica e pelos doentes oncológicos que participam voluntariamente, os quais estão ou estiveram sob acompanhamento na consulta de psico-

1 Desenvolvido na instituição Liga Portuguesa Contra o Cancro.

-oncologia. Não é requerida nem esperada qualquer experiência prévia em dança ou noutras práticas somáticas e/ou artísticas por parte dos participantes.

02. Dança Movimento Terapia em Estudos de Dança

A antropóloga Jane Desmond (1998), ao abrir o campo dos Estudos Culturais à semiótica do movimento, coloca na agenda a importância dos Estudos de Dança, que abrangem todas as suas formas – dança social, teatral e ritual. Evidencia-se, nesta formulação, o facto de a DMT não surgir integrada nos territórios dos Estudos de Dança ou dos Estudos Culturais. Por outro lado, reconhecer a valência social, os aspetos performativos ou mesmo uma origem ritualística da DMT não resolve criticamente essa omissão.

No entanto, a DMT e os Estudos de Dança são campos inscritos num tempo compartilhado. Isso implica potencialmente, além de influências culturais, sociais e históricas semelhantes (Foucault, 2005), uma partilha e interseções de valores, conflitos, oposições e complementaridades.

A DMT evoluiu a partir de uma conjugação entre dimensões intrínsecas à arte da dança e do movimento e à psicologia (Chaiklin & Wengrower, 2009). Nos Estados Unidos da América, nas décadas de 40 e 50 do século XX, as coreógrafas e bailarinas Marian Chace - no St. Elizabeth Hospital de Washington, na Costa Leste - e Trudi Schoop - no Don Camarillo Hospital de Los Angeles, na Costa Oeste - desenvolveram o trabalho precursor da DMT no âmbito da psiquiatria, aplicando valores, metodologias e conhecimento provenientes das suas atividades enquanto artistas, pedagogas e investigadoras. Estes trabalhos pioneiros demonstraram o valor do movimento do corpo como via para a expressão e comunicação, a necessidade humana fundamental de comunicar simbolicamente através da linguagem não-verbal e do movimento, e o benefício profundo da comunicação dentro de uma relação de compreensão e aceitação (Victoria, 2012). As metáforas do movimento comunicam estados internos através de um simbolismo incorporado (*embodied*). Ou seja, de acordo com Victoria (2012), o conteúdo psicológico é representado através de gestos, posições

ou seqüências de movimento.

Consideramos que a dança como texto (Desmond, 1998) é a proposta, o projeto e o sentido comuns dos Estudos de Dança e da DMT: um texto do inconsciente, da identidade, e da relação. A questão das identidades, amplamente discutida na teoria social (Hall, 2006), é um tema emergente na clínica e na investigação em DMT. Outras abordagens dão importância ao corpo no processo terapêutico, mas distinguem-se da perspetiva cocriativa da DMT, ou seja, do relevo dado ao contexto relacional, à potencialidade cinética dos corpos em relação, e aos fundamentos comunicativos, expressivos e relacionais do movimento (Rova, 2017). Se as relações sociais se constroem a partir do corpo (Desmond, 1998), consideramos que a ênfase na relação encaminha a clínica e a investigação para questões de crise e de identidade.

O cancro, um acontecimento perturbador com potencial traumático (Silva & Canavarro, 2015), pode afetar significativamente as dinâmicas e representações dos sentidos da vida, de si-mesmo (*embodiment e senses of self*) e das relações. A DMT, como metodologia clínica e de investigação com doentes oncológicos, visa esclarecer e, potencialmente elaborar, transformar e integrar essas vivências subjetivas associadas ao cancro, as quais possuem uma evidente base corpórea, relacional e simbólica.

Como dar continuidade e partilhar, através da escrita, esse pensamento e essa experiência que acontece através da DMT?

03. Abordagem Metodológica

A investigação fundou-se numa metodologia de participação, encontro, mutualidade e colaboração entre as diferentes pessoas que cumprem, em relação, tempos e espaços próprios, desempenhando papéis específicos. Os participantes incluíam:

- Os membros do grupo de DMT,
- A investigadora auxiliar,
- A investigadora principal e psicoterapeuta,
- A supervisora clínica,
- A orientadora do doutoramento.

O estudo desenvolveu-se ao longo de 12 sessões/encontros semanais, realizadas no contexto de um pequeno grupo fechado, composto por até 8 pacientes que estavam a ser seguidos na consulta de psico-oncologia da Liga Portuguesa Contra o Cancro. Esses pacientes foram convidados a participar na pesquisa pelos seus psicólogos, sob a condição de que a doença não estivesse em fase aguda ou de diagnóstico recente.

A participação era completamente voluntária, e os participantes tinham o direito a desistir ou faltar pontualmente. Foi assinada uma Declaração de Consentimento Informado por todos os envolvidos, prévio ao início da pesquisa e de qualquer recolha de dados.

As sessões decorreram no Núcleo Regional Sul da Liga Portuguesa Contra o Cancro localizado nas instalações do IPO – Instituto Português de Oncologia de Lisboa Francisco Gentil, sempre no mesmo dia da semana, à mesma hora, e durante, aproximadamente, duas horas.

A estrutura das sessões, a escolha das técnicas e exercícios de DMT tiveram subjacente a teoria do desenvolvimento do psicanalista Daniel Stern. Stern (1992) considera que os sentidos de si-mesmo se desenvolve precocemente numa relação íntima, sensível e estruturante com o movimento, que se cria e estabelece no(s) diálogo(s) relacional e intersubjetivo ao longo de toda a vida.

Os Padrões de Movimento do Sistema de Movimento de Laban Bartenieff (*Laban Bartenieff Movement System, LBMS*), nomeadamente dualidades, fraseamento e desenvolvimento progressivo, são outra referência estruturante do processo de dança movimento terapia (Studd & Cox, 2020).

As sessões têm uma estrutura comum em três fases: a primeira de aquecimento; a segunda de exploração de movimento, aprofundamento de tema e verbalização; a terceira de fecho/conclusão. As sessões são compostas por propostas/técnicas de movimento - individual e interpessoal, espontâneo e/ou guiado - comuns à dança e à DMT, de modo a dar suporte e segurança: à presença no momento, à exploração do movimento e à sensibilidade das suas dimensões sensoriais, formais, expressivas e intersubjetivas.

Entre essas técnicas, destacamos aqui o recurso metódico a:

- Suporte da Respiração – um dos Fundamentais de Bartenieff do LBMS;
- Círculo (Marian Chace);
- Exploração das Qualidades Forma (Shape Qualities - Core Shape Change) do LBMS;
- Exploração do Continuum Espacial e da Kinesfera, em particularmente seus alcances e percursos do LBMS;
- Observação, improvisação e composição de movimento;
- Verbalização.

Seguindo um método misto de pesquisa, os momentos-chave de recolha de dados são as sessões semanais em grupo e a aplicação individual de instrumentos quantitativos e qualitativos, no início (pré-teste) e no fim (pós-teste) do ciclo de sessões (intervenção).

Para efeitos do presente texto importa detalhar o protocolo da *Client Change Interview* (Elliot et al., 2001; Network for Research on Experiential Psychotherapies, 2001) que usámos no pós-teste. As perguntas-guião da entrevista exploram as mudanças notadas pelos participantes desde o início das sessões, os motivos aos quais atribuem essas mudanças e os aspetos percebidos como úteis ou inúteis da DMT. Consideraram-se quaisquer mudanças sentidas pela pessoa ou que foram trazidas à sua consciência por outras pessoas. Foi solicitada uma avaliação de cada uma dessas mudanças, indicando se foi para melhor ou para pior, de acordo com o quão esperada ou inesperada, provável ou improvável, e se a expectativa de tais mudanças ocorressem sem a DMT era esperada ou inesperada, provável ou improvável, e o quão importante ou significativa a mudança foi para a pessoa. A entrevista também questionou o que se considerava ter causado as várias mudanças, incluindo causas externas à DMT. Finalmente, pediu-se que fossem identificados aspetos que tivessem sido diferenciadores, dificultadores, perturbadores, negativos ou decepcionantes.

tes, que pudessem ter atrapalhado, porventura, a psicoterapia.

As últimas questões relacionaram-se com: recordar e narrar um momento marcante do processo; se participar num grupo de DMT poderia fazer diferença na consulta de Psico-Oncologia; se, como e porquê recomendaria, ou não, a DMT a alguém.

Esta entrevista foi concebida enquanto exploração empática, semi-estruturada, da experiência da pessoa/participante na psicoterapia (Sales et al., 2007). Foi sujeita a gravação áudio para posterior transcrição.

Um ano transcorrido desde a realização das entrevistas, e numa fase de preparação da análise de conteúdo correspondente, convidámos Maria Dovigo, uma das participantes no grupo, a reler a sua própria entrevista e a escrever sobre ela. O desafio foi para que essa escrita fosse pessoal, reflexiva, e isentada de intuítos de reelaboração intelectual, procurando manter-se a sua qualidade espontânea e pessoal. A seguir estendemos o convite para um procedimento idêntico sobre a mesma entrevista a Lara Santos, investigadora auxiliar que realizou a entrevista, a Susan Scarth, dança movimento terapeuta supervisora clínica das sessões, e a Luísa Roubaud, orientadora do doutoramento.

04. Resultados

Apresentamos, *ipsis verbis*, os textos que cada uma das autoras produziu após a leitura da entrevista (os excertos transcritos da entrevista estão identificados entre aspas).

04.01. Maria Dovigo

A vida não é uma coisa que temos, como temos uma casa ou um bilhete para ir ao cinema. A vida acontece em nós e nos outros, e acontecendo, dá-nos tempo para existirmos e relacionarmo-nos. Existindo, vamos fazendo isto e o outro, enchendo a memória de acontecimentos, como enchemos a casa de objetos, de tal maneira que confundimos a vida com esse laborar constante. Mas fazer não é viver, nem o trabalho é a vida. A vida é sempre outra coisa, mais semelhante à imagem milenar do rio a correr sem parar. Na convalescência da cirurgia

à mama, fiz muito pouco; a maior parte do tempo não fiz nada. Deixar-me cuidar, caminhar devagar, contemplar as árvores em janeiro, adormecer quando tinha sono e, adormecendo, entrever a vida laboriosa em mim, como uma daquelas imagens que vemos sem ver entre a vigília e o sono.

Na oitava ou nona sessão do curso, a doutora Ana chamou-me a atenção sobre a mudança nos meus movimentos. Disse que estava a ceder à gravidade e que isso era bom. Reconheci então que tinha aprendido alguma coisa semelhante ao que aprendi no mês de convalescência, deixando a vida ao comando, a velha sábia em mim e em todos. A que sabe dalgum movimento inicial que imagino medido na escala do tempo das galáxias, e que só pode ter sido efeito do amor em que tudo cabe e que a tudo dá calor. Foi ela, a velha que sabe, a que encontrei quando me deixei cair com todo o meu peso e com toda a minha confiança, depois de sessões organizando as memórias que vinham na sequência de este ou outro movimento, como quem folheia o álbum de fotos da nossa vida.

Aprender não é dar a resposta correta a um exercício, e falar não é construir discursos. Aprender e falar tipificam o humano, mas não no sentido de o encarcerar. Os movimentos que aprendi, explorando tudo o que está por baixo de camadas de dores cristalizadas, fizeram de mim uma pessoa mais humilde, mais inteira, mais realista e mais solidária. Ensinaram-me a aceitar que tive um cancro, como se aceitam as leis do movimento planetário. Deram-me espaço e calma para tudo contemplar com amor.

04.02. Lara Santos: Biografia do corpo

“O corpo conta muitas histórias, o corpo é muito narrativo, conta muitas histórias que ficam ali...” (Dovigo, entrevista Julho 2023). Num ambiente de acolhimento, a confiança amadurece e abre espaço para deixar vir à tona as histórias registadas no seu corpo. As memórias são como fios condutores que levam a esses registos, e foi através dos movimentos – sem regras coreográficas – que o corpo identificou e ressignificou qualquer emoção que pudesse ali estar armazenada.

O diagnóstico de um cancro na mama foi um choque brutal. Sentiu-se ali o organismo desintegrar. Apenas alguma das partes importava, as outras foram levadas ao esquecimento. Como se ela se resumisse a uma parte, ou à ausência dela. No *Corpo sem Órgãos – CsO* (Deleuze & Guattari, 2012), um organismo quando se rompe e se desorganiza, dá margem à libertação de uma estrutura e abre possibilidades de recriar maneiras de agir e de estar.

Com a desintegração, Maria Dovigo encontra força para percorrer o caminho contrário, e a experiência vivida naquele grupo de dança movimento terapia torna-se ferramenta no seu processo de reintegrar aquelas partes perdidas. O corpo reorienta-se, deixa de ser partes e torna-se unidade. Vive a experiência da totalidade, sem necessariamente ter a obrigação de responder ao que se espera que seja belo ou correto, mas vivencia a beleza de uma realidade nua e sem pudor.

Na iminência da dor de uma cicatriz ferida, descobre que não dá para criar resistência a ela, mas a acolhe em sua dança, tornando líquido o seu corpo que viaja pelo espaço em uma fluidez contínua movida pela sua respiração. Sendo uma observadora do seu percurso, mantém-se consciente e atenta aos sinais. Percebe então que a dor já não ocupava aquele lugar de destaque e que a vontade de viver trazia consigo o desejo de se tornar um agente de transformação do seu meio.

04.03. Susan Scarth: Trusting the Biography of the Body

The eloquence of the participant is, in her words, “surprising”. She [Maria Dovigo] expresses clearly how she opened herself to the Dance Movement Therapy (DMT) experience by trusting the process and being receptive to the other group members with all their differences. In this way, she found the “eloquence of the body” by “unearthing, dusting off memories that are in the body; tells many stories - the body is very narrative”. Through her words, she reveals that she has discovered the richness of the movement experience. She trusts the facilitator to hold her in her pain – learning that to resist the pain makes it worse, and by moving with it she can find relea-

se. In the Touch exercise, she reaches a point where she can receive the support of light touch and gentle encouragement and describes: “Not having to hold all the ends. Communication with the other person, and empathy and solidarity, of two people, communication. (...) It also has to do with not resisting and wanting to surrender [Não ter que segurar todas as pontas. Comunicação com a outra pessoa, e empatia e solidariedade, de duas pessoas, comunicação. (...) Também tem a ver com não resistir e querer entregar-se.]” (Dovigo, entrevista Julho 2023).

This lightness of touch is evident in how Ana facilitates the group, allowing a fluidity in the group process and permission for group members to find themselves in the movement experience, in the discussions, and in the sharing. I hear Ana’s respectfulness, care and gentleness through the participants’ descriptions of what is explored, the layers of discovery where new tools are developed, there is an integration of split-off parts, a deep listening to discover insights that bring significant adjustments in “real life”. All the while, Ana provides the group members a space to give expression to their experience, their pain, their deeply felt onslaughts on the body – all of which is the experience of having cancer; and the experience is liberating. It is validation of the root of DMT where we move the sensation, the feeling, the emotion; naming it, speaking it, exploring it – and then the pain subsides, insight emerges and the experience lives, heals and enables change.

Maria Dovigo expresses much richness in the interview, much passion and gratitude, as she explores the twists and turns of her personal journey, remembering herself being uplifted by the movement experience and then emerging with a bump, back to reality? I am deeply moved by the question she asks about how to “get back” after such an elevating experience. Is it possible to “get back”, or I wonder if this is the moment of transformation into an emerging new self, where reality is richer? And I am reminded of the importance of grounding clients gently – to end the session.

In Maria’s words, with an echo of Ana: “It is what it is, this is what it is. It is finding reality richer, more attractive, with more grace [É o que é, isto é o que é. (...) Não é sim-

plesmente aceitar mais a realidade, mas achá-la mais rica, mais atraente, com mais graça.] (Dovigo, entrevista Julho 2023).

04.04 .Luísa Roubaud

04.04.01. Dar palavra ao corpo / Dar corpo à palavra

[GRUPO]. Gente em conexão directa, corpo a corpo. O encanto que é vivenciar isso a evoluir. Ver-se ao espelho no caminho que cada um inventa enquanto descobre, com a doença, novos espaços e tempos de liberdade. Pessoas numa jangada a cuidar umas das outras durante a travessia de um oceano agitado. Mas voltar ao real é como regressar de uma longa viagem.

Como expandir tudo isto no quotidiano lá fora? O que ali se vive é uma fuga ou uma pausa?

[EXPLORAR]. O corpo são a reconciliar-se com o corpo fragmentado e doente, os dois juntos num movimento dançado. Uma totalidade onde a palavra não chega; uma vontade aguda e irreversível de limpar a vida das insanidades que ela também tem: a toxicidade do mundo do trabalho, a tirania do ser funcional.

Entender o quanto as emoções radicam no corpo, aprender as ferramentas para aceder a esses lugares por conta própria.

[MOVIMENTO E IMAGINÁRIO]. Falar, esquecer, lembrar, aceitar, descobrir. Transitar pela dor, o desconforto e o sentimento de mutilação como sendo parte de uma paisagem; passear por memórias, pelo desânimo e pelas expectativas (isto vai alguma vez passar? E deixa de doer?). Experimentar o que de mais visceral e simbólico há no feminino e no envelhecimento, sem o conceptualizar. Soltar a expressão dos gestos, sondar o movimento livre, e ressignificá-los pela imaginação, sem ter de pensar ou explicar, sem sentir que se é julgado.

Corpo e movimento a escancarar-nos a sua biografia repleta de sinais desatendidos. Escolher dar-lhes atenção e agora ser por inteiro!

[O DENTRO E O FORA]. A devastação que se segue ao diagnóstico. A fragmentação impregnada no olhar médico: ser o tumor numa mulher ou uma mulher que tem um tumor? Enfrentar o mundo real onde, para quem não

passou por isto, a disfunção, a degradação e a morte são tabus a tratar com pudor ou condescendência. Aceitar serenamente o corpo como ele está e achar essa realidade, apesar de tudo, mais atraente.

E decidir: há que ajudar a transformar colectivos. Constar. Deixar um registo.

04.04.02. Cogitações

A teoria ressoava através das ideias de Sami-Ali (1977), que afirma que a experiência do corpo adoecido é real e subjetiva, tanto do físico quanto do imaginário. Sontag (2009), afirma que a doença é uma metáfora, pois adoecer é também um processo cultural que se manifesta numa clivagem entre corpo e palavra. Rolnik (2020), vê o corpo como a encruzilhada onde reverberam os mecanismos biológicos, as circunstâncias envolventes e a cultura, sendo também dele que brotam as micropolíticas de resistência.

Enquanto lia o discurso de Maria Dovigo, deparei-me com dimensões essenciais da DMT em psico-oncologia e procurei metáforas que traduzissem o que reverberava em mim. Palavras que quase faziam a quadratura do círculo, quando por um interstício subtil nos conduziram ao indizível do corpo; palavras simples e certas, numa transdução que iluminava muito do que nestes processos é ininteligível. Encontrei, ainda, o desassossego da pergunta sem resposta, aquela que instiga novos caminhos:

Como pode uma psicoterapia amparar o confronto incontornável que o ambiente seguro do seu próprio microcosmos despoleta com o caos circundante? Nesta relação de forças desigual, como sustentar o prolongamento, às circunstâncias envolventes e à conjuntura cultural, das micropolíticas de resistência que as conexões corpo-mente fazem brotar no sujeito?

Perguntava-se como inferir que os domínios do pré-verbal são os propulsores de autodescoberta e transformação intrínsecos à DMT, quando os meios para tornar o processo inteligível decorrem (sobretudo) das capacidades de introspeção discursiva (verbal). Em face do exposto, questionava-se se existem, e como identificar, critérios para definir quem tem indicação para entrar num processo de DMT.

05. Reflexões finais

Na língua espanhola, usa-se a expressão “ser como o Guadiana” para referir algo que ocorre espaçada e irregularmente, ou quando alguém ou algo desaparece de repente e volta a aparecer sem aviso. Algo que desaparece, tal como o corpo parece desaparecer do dia-a-dia, do pensamento, das palavras, da consciência e do diálogo, voltando a aparecer, por vezes de repente, em caso de doença, mas também no amor e no prazer, nos gestos de cuidado ou carinho, na dança.

Que escrita corporificada (*embodied*) é, em si mesma, movimento? O que é uma escrita corporificada, que se relaciona com o corpo? Como seria uma escrita sem corpo?

Pesquisando, assim, o e com o movimento do corpo, ensaiámos uma ampliação dos limites considerados como pesquisa académica (Jääskeläinen, 2023), científica ou Estudos de Dança. Aqui procurámos esboçar uma escrita corporificada, uma escrita que reverbere emoções, processos de pensamento e o movimento do corpo em dança, enquanto prática de relações de confiança, diversidade e responsabilidade mútua (Foster, 2023).

Procuramos expandir o gesto de pesquisa, valorizando a reciprocidade em coautoria e a palavra que “não procure a síntese (...) e antes renove, a cada dia, a prática da interrogação” (Ramos do Ó, 2019, p. 9). Uma escrita não-acabada, imanente e reveladora de encontros, sensibilidades e possibilidades de expressão, imaginação, memória, pensamento, simbolização, comunicação e empatia decorrentes da dança.

Uma dança que seja rio, mas também olhar, travessia e margem para o pensamento.

Referências bibliográficas

- Chaiklin, S., & Wengrower, H. (2009). *The art and science of dance/movement therapy: Life is dance*. Routledge/Taylor & Francis Group.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2012). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Editora 34.
- Desmond, J. (1998). Embodiment difference: Issues in dance and cultural studies. In A. Carter(Ed.), *The Routledge dance studies reader* (pp.154-162). Routledge.
- Elliot, R., Slatick, E., & Urman, M. (2001). Qualitative process research on psychotherapy: alternative strategies. In J. Frommer, & D. L. Rennie (Eds.). *Qualitative psychotherapy research: Methods and methodology* (pp. 69 - 111). Pabst Science Publishers.
- Foster, S. L. (2023). *Protesting the present/Choreographing the*

Agradecimentos

Agradecemos a confiança e o apoio de todos os participantes dos grupos de Dança Movimento Terapia desenvolvidos no âmbito da pesquisa e da Liga Portuguesa Contra o Cancro, em particular, à Dra. Albina Dias - Coordenadora da Unidade de Psico-oncologia do Núcleo Regional Sul.

Compromisso ético

Compromisso ético estabelecido com a Liga Portuguesa contra o Cancro orientado pelo Documento Orientador do Conselho de Ética da Faculdade de Motricidade Humana.

Declaração de Consentimento Livre e Esclarecido

Os indivíduos participantes no estudo, ou os seus representantes legais, foram informados dos objetivos, condições de realização e publicação dos resultados obtidos, e aceitaram participar no estudo assinando um consentimento informado para a referida participação.

Conflitos de interesses

As autoras declaram não haver qualquer conflito de interesses.

Contribuições dos autores

Conceptualização, A.C.O.; Curadoria de dados, A.C.O.; Análise formal, A.C.O.; Investigação, A.C.O., M.D. e L.S.; Metodologia, A.C.O.; Administração do Projeto, A.C.O., Supervisão, L.R. e S.S.; Validação, L.R.; Redação do rascunho original, A.C.O., L.R., L.S., M.D. e S.S., Redação – revisão e edição, A.C.O..

- future [Protestar o presente/Coreografar o futuro]. *Revista Estud(i)os de Dança*, 1(2), 1–7. <https://doi.org/10.53072/RED202302/00201>
- Foucault, M. (2005). *A arqueologia do saber*. Edições Almedina.
- Jääskeläinen, P. (2023) Research as reach-searching from the kinesphere. *Culture and Organization*, 29(6), 548-563. <https://doi.org/10.1080/14759551.2023.2224485>
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A Editora.
- Merleau-Ponty, M. (2012). *Phenomenology of perception*. Routledge.
- Network for Research on Experiential Psychotherapies. (2001, March 22). *Client Change Interview Protocol*. <https://www.experiential-researchers.org/instruments/elliott/changei.html>
- Ramos do Ó, J. (2019). *Fazer a mão: Por uma escrita inventiva na universidade*. Edições do Saguão.
- Rolnik, S. (2020). *Esferas da insurreção. Notas para uma vida não chulada*. Sistema Solar.
- Rova, M. (2017). Embodying kinaesthetic empathy through interdisciplinary practice based research. *Arts in Psychotherapy*, 55, 164-173. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2017.04.008>
- Sales, C. M. D., Gonçalves, S., Silva, I.F., Duarte, J., Sousa, D., Fernandes, E., Sousa, Z., & Elliott, R. (2007). *Portuguese adaptation of qualitative change process instruments*. Paper presented at the European Chapter Annual Meeting of the Society for Psychotherapy Research. Madeira, Portugal.
- Sami-Ali, M. (1977). *Corps réel, corpos imaginaire. Pour une épistémologie psychanalytique*. Dunod.
- Silva, S., & Canavarro, M. C. (2015) *Desenvolvimento pós-traumático na experiência de cancro. Psico-Oncologia - Temas Fundamentais*. Coord. Emília Albuquerque & Ana Sofia Cabral. Lidel – Edições Técnicas, Lda.
- Sontag, S. (2009). *A doença como metáfora / A Sida e as suas metáforas*. Quetzal Editores.
- Stern, D. (1992). *O mundo interpessoal do bebê: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento*. Artes Médicas.
- Studd, K., & Cox, L., (2020). *Everybody is a body*. Dog Ear Publishing.
- Victoria, H. K. (2012). Creating dances to transform inner states: A choreographic model in Dance/Movement Therapy. *Body, Movement and Dance in Psychotherapy*, 7(3), 167–183. <https://doi.org/10.1080/17432979.2011.619577>